

Nádia Heusi Silveira
UCDB-UFSC

A comida ocupa um lugar menor dentre os objetos de estudo antropológico. Ao mesmo tempo, tem um lugar de destaque na constituição deste campo de saber, tendo em vista que uma das mais fortes motivações para as longas viagens empreendidas pelos europeus nos séculos XIV e XV, através de mares e terras desconhecidos, foi a busca de especiarias e especialidades alimentares. A comida também serviu de suporte para uma das reflexões mais fecundas e repercutivas das ciências sociais. Trata-se do *Essai sur le Don*, de Marcel Mauss, onde este autor reconhece o alimento como o mais fundamental elemento de reciprocidade nas relações humanas. Paradoxalmente, por ser tão básica e cotidiana, a comida foi relegada ao plano das necessidades fisiológicas e uma ciência – a Nutrição – desenvolveu-se para estabelecer os fundamentos e critérios de análise da relação entre o ser humano e o alimento. Contudo, os efeitos da globalização sobre o estilo vida contemporâneo, que na atualidade ganham destaque como graves problemas de saúde pública e levam a situações de falta ou excesso alimentar, reorientaram o interesse de antropólogos sobre o tema nas últimas décadas.

A emergência de uma Antropologia da Alimentação, particularmente nos trabalhos de Claude Fischler, coloca em pauta o surgimento de novas formas de sociabilidade alimentar com atributos de pós-modernidade: fragmentação, homogeneização e deslocalização. Entretanto, as transformações no comportamento alimentar decorrentes do estilo de vida moderno se distanciam do que os nutricionistas reconhecem como alimentação saudável. Neste contexto, o livro organizado por Ana Maria Canesqui e Rosa Wanda Diez Garcia traz uma oportuna contribuição no sentido de estimular a construção de uma abordagem interdisciplinar para estudos sobre alimentação.

Este volume contém diversas perspectivas sobre alimentação, produzidas a partir de variadas experiências e orientações teóricas. Os 15 artigos são heterogêneos tanto na abordagem como no aprofundamento da relação entre as dimensões

biológica e social da comida. Os diversos olhares sobre alimentação estão agrupados em três partes. Na primeira parte, os artigos de Ana Maria Canesqui e Silvia Carrasco i Pons revisam as abordagens sobre alimentação como fenômeno sociocultural. Jungla Maria Pimentel Daniel e Veraluz Zicarelli Cravo situam de que forma um nutricionista pode aplicar os conhecimentos da Antropologia. Já os estudos de Maria Eunice Maciel, Norton Correa e Carmem Silvia Moraes Rial evidenciam a relação entre comida e identidade social. Na segunda parte, Jesús Contreras Hernández e Mabel Gracia Arnaiz tratam em seus artigos das transformações e contradições da alimentação contemporânea. A terceira parte segue dois eixos. As pesquisas de Ana Maria Canesqui e Rosa Wanda Diez Garcia, exploram o significado das práticas alimentares no universo urbano, enquanto os relatos de Jean-Pierre Corbeau e Gérard Maes analisam alguns aspectos das refeições hospitalares para além da ingestão de nutrientes. Por fim, há uma quarta parte, cujos três artigos se voltam para a reflexão sobre os caminhos do diálogo entre as Ciências Humanas e a Nutrição, com textos de Ana Maria Canesqui e Rosa Wanda Diez Garcia, Rosa Wanda Diez Garcia e Mabel Gracia Arnaiz.

O que esta coletânea nos mostra é que, apesar de haver produções antropológicas muito consistentes sobre alimentação, não existe consenso sobre a maneira de se apropriar das interfaces que unem a Antropologia e a Ciência da Nutrição. Vejamos alguns pontos em destaque. Um primeiro dissenso diz respeito à abordagem teórico-metodológica, pois não há acordo sobre como relacionar as esferas social e biológica. Arnaiz considera a possibilidade de uma antropologia nutricional articulando conhecimentos sobre práticas alimentares e necessidades nutricionais com a pretensão de alcançar padrões ideais de ingestão de nutrientes. Uma espécie de etnonutrição na qual a interpretação das práticas alimentares é balizada por parâmetros antropométricos e recomendações nutricionais. Por sua vez, Carrasco i Pons não concebe uma perspectiva antropológica atrelada aos parâmetros científico-nutricionais. Para esta autora importa identificar o ponto de vista êmico sobre o bem-estar nutricional e, assim, gerar categorias e conceitos antropológicos que permitam estabelecer comparações entre contextos socioculturais diversos.

Um segundo aspecto em aberto se refere à necessidade de elaborar idéias aglutinadoras que sirvam de referência para antropólogos e nutricionistas. Se considerarmos a Antropologia da Alimentação como um espaço de conhecimento interdisciplinar torna-se necessário um fundamento comum para a análise das práticas alimentares, uma formulação que estabeleça uma certa linguagem, que permita o diálogo. Embora vários autores do livro utilizem o termo sistema alimentar, não é evidente se o estão concebendo da mesma forma. Maciel define sistemas alimentares como “sistemas simbólicos em que códigos sociais estão presentes atuando no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza” (p. 49), enquanto Carrasco i Pons chama atenção para as várias definições existentes. Ademais, o uso das expressões ‘hábitos alimentares’, ‘comportamento alimentar’ ou ‘práticas alimentares’ não indica, a princípio, o paradigma teórico do autor e nem a forma como é pensada a comensalidade.

Um último e polêmico ponto relaciona-se ao papel do antropólogo que estuda alimentação. Esta discussão nos remete a um nó de discórdia no interior da disciplina relativo à prática antropológica: reflexão ou intervenção?

Afinal, o título desta coletânea não nos permite vislumbrar que existem vários diálogos possíveis entre Antropologia e Nutrição. O que implica diferentes papéis, desde a produção de uma reflexão que possa ser incorporada na prática do nutricionista, uma sensibilização para a dimensão cultural inerente ao ato de comer e para os problemas sociais que condicionam as práticas alimentares, conforme argumentam Garcia e Canesqui, até a ação prática com o fim de reduzir desigualdades sociais, melhorar a saúde das pessoas, preservar a biodiversidade etc., como sugere Arnaiz no seu artigo “Em direção a uma Nova Ordem Alimentar?”.

Para o antropólogo que trabalha com o tema ou que se depara com as dificuldades de praticar a interdisciplinaridade, o livro traz boas reflexões e aponta alguns caminhos para a superação de impasses. Para o antropólogo em busca de refinamento teórico talvez esta coletânea não traga maiores contribuições. É particularmente para o nutricionista e outros profissionais de saúde que esta leitura se torna valiosa e obrigatória. Os artigos de Rial, Corbeau e Correa são ótimos exemplos de como a etnografia elucida as dimensões socioculturais e simbólicas da alimentação. Numa perspectiva teórica da alimentação como fenômeno social, são enriquecedoras as análises de Maciel, Hernández e Garcia em “A Antropologia Aplicada às Diferentes Áreas da Nutrição”. Esta edição também traz um apanhado das principais referências bibliográficas correntes entre os pesquisadores do campo das ciências sociais que estudam alimentação. Há que se ressaltar, porém, um fato não comentado na análise da formação dos nutricionistas no Brasil. Os profissionais da área têm buscado, cada vez mais, ampliar o enfoque biomédico por meio da formação multidisciplinar no campo das Ciências Sociais e Humanas. Com isso reforçam-se as possibilidades de avanço do diálogo interdisciplinar.

Nádia Heusi Silveira é graduada em Nutrição e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. É pesquisadora e professora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande (MS).